

Evento de movimento transitivo: uso e cognição

Maria Angélica Furtado da Cunha¹
Alan Marinho César²

Resumo: Este artigo focaliza a codificação semântico-sintática da construção de movimento transitivo, com o objetivo de tratar da relação entre o tipo de evento expresso pela construção e os esquemas cognitivos por ela acionados. A base teórica que fundamenta este trabalho conjuga a Linguística Funcional Centrada no Uso, a Linguística Cognitiva e a Gramática de Construções, investigando aspectos estruturais, semânticos, funcionais e cognitivos presentes nas instanciações dessa construção. Os dados empíricos foram coletados de fontes diversas: o *Corpus* Discurso & Gramática, o Banco de Sentenças da Justiça Federal do Rio Grande do Norte, o Banco de Dados do Programa de Estudos Sobre o Uso da Língua da UFRJ e textos disponíveis *online* em sites de revistas de ampla circulação. Os resultados da pesquisa revelam a existência de um esquema construcional que sanciona três subesquemas e sete microconstruções que, por sua vez, revelam noções de movimento causado, movimento percorrido e movimento associado. Da perspectiva sintático-semântica, a codificação linguística do evento de movimento transitivo projeta *frames* que manifestam diferentes tipos de movimento, como manipulação, transporte e deslocamento; em termos de estrutura cognitiva, os esquemas imagéticos apontam o traço focalizado do trajeto.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso. Linguística Cognitiva. Gramática de Construções. Evento de Movimento Transitivo.

Introdução

Este artigo focaliza a codificação semântico-sintática do evento de movimento transitivo (EMT), com a finalidade de tratar da relação entre o tipo de evento expresso pela construção de movimento transitivo (CMT) e os esquemas cognitivos por ela acionados. Para tanto, são examinadas as dimensões estruturais, semânticas, funcionais e cognitivas relacionadas a essa codificação.

¹ Professora Titular de Linguística do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem/UFRN. Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1989), mestre em Linguística pela Universidade de Brasília (1978) e bacharel de licenciatura em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1975/6). Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: angefurtado@gmail.com. ORCID iD: 0000-0002-3128-6852

² Doutor em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (UFRN), área de concentração em Linguística Teórica e Descritiva, na linha de pesquisa Discurso, Cognição e Interação. Mestre em Estudos da Linguagem (UFRN). Membro do Grupo de Estudo Discurso & Gramática. Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: alanrasec@gmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-9676-320X>

A análise se detém na semântica dos verbos de movimento transitivos (VMT) em termos de *frames*, correlacionando as orações em que esses verbos ocorrem com estruturas cognitivas. O *frame* é aqui tomado em seu caráter linguístico, relativo à estrutura argumental dos VMT, ao passo que a contraparte cognitiva é vista em termos de esquemas imagéticos ativados pelo material linguístico. O exame da relação entre diferentes dimensões da CMT, a saber, a semântico-sintática e a cognitiva, possibilitou a proposta de uma classificação própria para os tipos de EMT, identificando a participação de cada um dos argumentos dos VMT.

O verbo de movimento transitivo é definido como um predicador de dois ou três argumentos que implica o movimento total de, pelo menos, uma entidade de um lugar a outro. Assim, a noção de deslocamento de algo ou alguém se configura como central nessa definição, como se vê em (1), em que o referente do SN_{OD} (*o dinheiro*) muda de lugar com o resultado da ação do SN_{SUJ} (*ele*), que apenas realiza um movimento com parte do seu corpo, manuseando o paciente para outro lugar, codificado pelo SP *na mesa*:

- (1) [...] ele não jogava, ele adora jogo e ele não jogava, por quê? Em respeito à família dele. Porque desde o momento que *ele coloca o dinheiro na mesa* (inint), mas meu pai sempre foi muito controlado (est). (*Corpus* PEUL/RJ)

Interessa, portanto, investigar o EMT, considerando os padrões semântico-sintáticos em que os VMT podem ocorrer, diferenciando-os pelo conjunto de propriedades funcionais e cognitivas que exibem. A hipótese geral é que há uma correlação entre as dimensões semântico-sintáticas e as dimensões cognitivas das instanciações da CMT, de tal modo que esse esquema construcional sanciona subesquemas e microconstruções que, por sua vez, revelam diferentes tipos de movimento.

A orientação teórico-metodológica que fundamenta este trabalho conjuga três modelos que compartilham vários pressupostos e interesses de pesquisa: a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), a Linguística Cognitiva (LC) e a Gramática de Construções (GC), que serão tratados adiante.

Os dados analisados provêm de diferentes fontes: *Corpus* Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998), Banco de Sentenças da Justiça Federal do Rio Grande do Norte (JFRN, 2016), Banco de Dados do Programa de Estudos Sobre o Uso da Língua da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PEUL) e textos disponíveis *on-line* em sites de revistas de ampla circulação, como *Veja*,

IstoÉ, Época, Caras, Cláudia e AnaMaria. Esses bancos de dados refletem diferentes graus de formalidade e representam as modalidades falada e escrita. O total de palavras é 452.300, equilibradas quantitativamente entre as duas modalidades. A seleção desse material se justifica por reproduzir situações reais de uso da língua, o que permite flagrar o objeto de estudo tal como ele se manifesta em interações sociocomunicativas.

Este artigo está organizado em seis seções, além desta introdução. Na segunda delas, é apresentado o enquadre teórico que norteia a análise dos dados. Na seção seguinte, o evento de movimento transitivo é caracterizado. A seguir, a semântica de *frames* é descrita. Na sequência, os esquemas imagéticos são tratados. Na próxima seção, a análise da construção de movimento transitivo é desenvolvida, e os subesquemas e microconstruções desta são examinados em subseções. Por fim, a conclusão.

Enquadre teórico

A Linguística Funcional Centrada no Uso representa uma tendência recente de pesquisa de cunho funcionalista norte-americano (Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson, Joan Bybee, Elizabeth Traugott, entre outros) desenvolvida pelo Grupo de Estudos *Discurso & Gramática*³ em interface com a GC. Em termos teóricos, metodológicos e epistemológicos, a LFCU corresponde ao que Bybee (2010, 2015) denomina *Usage-based Linguistics*. De acordo com essa autora, a Linguística Baseada no Uso se desenvolveu diretamente do funcionalismo norte-americano e, em certo sentido, é apenas um novo nome para ele.

No Brasil, alguns estudos que tomam a LFCU como fundamentação teórica podem ser vistos em Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2018), Oliveira e Cezario (2017), Furtado da Cunha (2015), Furtado da Cunha, Silva e Bispo (2013), Oliveira e Rosário (2015), entre outros. Segundo esse modelo, a estrutura da língua emerge à medida que esta é usada (BARLOW; KEMMER, 2000; BYBEE, 2010, 2011), entendendo-se que a gramática reflete a atuação de aspectos sociocomunicativos e cognitivos da linguagem. Nesse sentido, o sistema linguístico é essencialmente dinâmico, visto que surge da adaptação de habilidades cognitivas

³ Comunidade acadêmica brasileira, voltada para pesquisa de cunho funcionalista norte-americana, com sedes na UFRJ, UFF e UFRN. Maiores informações em: <https://discursoegramaticablog.wordpress.com/>.

humanas a situações de comunicação específicas e se desenvolve com base na repetição ou ritualização desses eventos. Busca-se, então, descrever e explicar os fatos linguísticos com base nas funções (semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas) que desempenham nos diversos contextos de uso da língua.

Para a Linguística Cognitiva, o comportamento linguístico reflete capacidades cognitivas relacionadas aos princípios de categorização, à organização conceptual, a aspectos ligados ao processamento linguístico e, sobretudo, à experiência humana no âmbito de suas atividades individuais, sociointeracionais e culturais. As noções de *frame* (FILLMORE, 1975, 1977, 1985), de esquema imagético (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987) e de *motion event* (TALMY, 2000) são aqui contempladas, na tentativa de relacioná-las a tipos de movimento, tendo como parâmetro entidades que se deslocam, manipulam objetos, afastam-se ou se aproximam de um ponto de referência.

Assim como a Linguística Funcional Clássica (GIVÓN, 1984, 1989, 1995, por exemplo), a LC entende a linguagem como parte integrante da cognição, fundamentada em processos cognitivos, sociointeracionais e culturais. Nessa direção, a língua é um meio de interpretar e construir o mundo, de organizar conhecimentos que refletem as necessidades, os interesses e as experiências dos indivíduos e das culturas.

Desse modo, a LC busca descrever e analisar as estruturas cognitivas que são subjacentes às categorias linguísticas. Nessa perspectiva, todas as estruturas cognitivas possuem uma base experiencial e, exatamente por isso, estão relacionadas aos processos de construção de sentido. As categorias linguísticas, então, ativam/perfilam as estruturas cognitivas.

O processo cognitivo de categorização e a noção de prototipicidade, tal como se aplicam às línguas naturais, foram primeiramente tratados sob a perspectiva da LC. Mais tarde, esses aparatos teóricos foram incorporados pela Linguística Funcional, em especial por Givón (2001) e Bybee (2016 [2010]).

A categorização é um processo cognitivo de domínio geral, o qual atua em nossa capacidade de classificar e ordenar elementos a partir de nossa experiência. Por meio desse processo, agrupamos elementos semelhantes, que podem ser pessoas, objetos, lugares, em classes particulares. Diretamente relacionada ao processo de categorização, a teoria dos protótipos busca identificar membros centrais e periféricos de categorias por

compartilhamento de traços, com base em um exemplar ideal, ou seja, que detém a maior quantidade de características da categoria em questão.

Quanto à Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; HILPERT, 2014), interessa o tratamento das construções de estrutura argumental e dos subesquemas construcionais em que as orações com VMT podem ser acomodadas. Com base na proposta de Goldberg (1995), focalizamos a oração como um todo, não restringindo o significado da oração apenas ao verbo. Isso significa que a construção se constitui como um pareamento de forma e significado em que relações semânticas e gramaticais se fundem. Conforme Tomasello (1999), as construções linguísticas podem ser tanto concretas, em termos de palavras e sentenças, quanto abstratas, em termos de categorias gerais e esquemas. Nessa perspectiva, há uma relação intrínseca entre as construções linguísticas e a representação cognitiva dos eventos que essas construções perfilam. Considerada uma teoria do conhecimento linguístico, a GC caracteriza a construção como um artefato cognitivo que é armazenado na mente do falante a partir de sua experiência no uso efetivo da língua (HILPERT, 2014).

Um modelo de análise de construções de estrutura argumental é apresentado em Goldberg (1995), que descreve, semântica e sintaticamente, padrões oracionais básicos que expressam cenas dinâmicas do mundo biossocial. Uma tese central da GC (GOLDBERG, 1995) é que as orações simples são instâncias de construções de estrutura argumental, pareamentos de forma-significado que não dependem de verbos particulares. Esse entendimento é compartilhado por diferentes linguistas que adotam a abordagem construcional. As construções de estrutura argumental constituem uma subclasse especial de construção que fornece os meios de expressão oracional em uma língua.

Em relação à estrutura argumental, o objetivo da GC é demonstrar que há atributos comuns entre predicados em construções específicas. Conforme assinalado, as construções são padrões que existem independentemente dos predicadores lexicais e dos argumentos que estes tomam. Nessa linha, as construções são pares de forma (fonológica, morfológica e sintática) e função (semântica, pragmática e/ou discursiva), apreendidas no uso, as quais variam em constituição (esquemáticas, parcialmente esquemáticas ou totalmente especificadas), tamanho, forma e complexidade.

O evento de movimento

A Linguística Funcional Clássica estabelece uma relação entre o evento causal prototípico e os elementos linguísticos que caracterizam a oração transitiva, associando, assim, um padrão básico da experiência a um padrão básico da língua. O evento causal prototípico, descrito como um evento em que um agente animado intencionalmente causa uma mudança física e perceptível no estado ou locação de um objeto (SLOBIN, 1982), correlaciona-se com o que Talmy (2000) denomina õevento de movimentoõ (*motion event*).

A estrutura do evento de movimento recebe particular atenção de Talmy (2000), ao tratar do processo de estruturação conceptual em diferentes línguas. A forma geral de tal estrutura consiste em um evento básico, em que há movimento de alguma entidade e uma localização. De modo simplificado, tal evento constitui um esquema particular, identificado em vários domínios conceptuais diferentes, que especifica a estrutura argumental da oração, sua organização sintática e a natureza semântica dos argumentos. Desse modo, o evento de movimento básico consiste em uma figura em movimento ou localizada em relação a outro objeto (objeto de referência ou *ground*). Conforme Talmy (2000), a entidade figura é, geralmente, o componente em que a atenção está mais centrada. A entidade *ground* é o segundo objeto físico e indica um ponto de referência em relação ao caminho ou à localização da figura.

Além da figura e do fundo, há um caminho e um movimento, como nos fragmentos a seguir. Em (2), o garoto (= \emptyset) é a figura, *a rua* faz parte do *ground*, mas também é o caminho, e o movimento é o de atravessar. Em (3), o SN_{SUJ} *meu pai* é a figura, o SP *pro hospital* corresponde ao *ground* e o caminho não é evidenciado⁴. Em ambos os casos o movimento é translacional, pois há transição da figura em relação ao fundo.

(2) [...] o garoto já fez a mão assim (inint) aí minha cunhada também viu, aí olhei pra cara dele, meu olhar já disse tudo pra ele (inint) atravessou a rua e foi embora, aí minha mulher: õque isso, que issoõ, õõ mulher, num fala nada, segura o Daniel aí!õ (*Corpus PEUL/RJ*)

⁴ Ao caracterizar o *ground* como o segundo objeto físico, o autor parece considerar apenas os verbos de movimento intransitivos; com os VMT, o SN_{OD} paciente é o segundo objeto físico, e o local revelado pelo SP é o terceiro.

- (3) [...] aí na hora minha mãe foi pro hospi/ começou a sentir dor ... meu pai levou ela pro hospital ... (Corpus D&G Natal, Fala, p. 223)

Um outro tipo de movimento examinado por Talmy (2000) diz respeito à ação de um agente que move controladamente um objeto através de movimentos de parte do corpo, mas sem o deslocamento de todo o corpo, como se dá com os verbos *tirar*, *mover* e *colocar*, entre outros. Vejamos:

- (4) Quando chegou lá ... ele tirou o casaco ... que ela tava muito exposta ... tava com uma saia curta ... e uma mini-blusa ... (Corpus D&G Natal, Fala, p. 234)
- (5) Depois de colocar a massa na forma coloque o chocolate derretido por cima da massa e leve ao forno. (Corpus D&G Natal, Escrita, p. 93)

Em (4), a figura *ele* (agente/sujeito) não se desloca, mas move *o casaco* (paciente/objeto direto), entidade afetada que muda de localização. Em (5), o referente dos pacientes (*a massa* e *o chocolate derretido*) é manipulado pelo referente dos SN_{SUJ} (\emptyset = *você*), que é a figura. O referente dos SP identifica o *ground*, local para onde os pacientes são movidos, *na forma* e *por cima da massa*. O caminho não é explicitado. Nesses dados, o movimento é estacionário visto que a figura (o referente dos SN_{SUJ}) permanece fixa em relação ao fundo.

A investigação dos componentes semântico-sintáticos e suas inter-relações no EMT possibilita a identificação do esquema construcional, dos subesquemas e das microconstruções que licenciam os VMT. Esse procedimento encontra correspondência na proposta da LFCU de tratar a transitividade oracional em termos dos elementos que participam do evento causal transitivo, isto é, em termos semântico-sintáticos.

Semântica de *Frames*

A noção de *frame* é proveniente da Psicologia Experimental e de trabalhos em Inteligência Artificial, que utilizam o termo como um guarda-chuva para se referir a uma estrutura de dados que representa uma situação estereotipada (MORATO, 2010).

Na Linguística, Fillmore (1975, 1977) formula a Semântica de *Frames* para abordar a estrutura semântica dos itens lexicais. Para esse autor, os significados são definidos em relação a algum enquadre (*frame*) ou cena⁵ que pode ser altamente estruturado.

A evolução dos estudos sobre os papéis semânticos dos nomes levou à análise da estrutura argumental dos verbos. Nessa direção, a descrição de um verbo é feita por meio da definição dos papéis semânticos dos argumentos que com ele se relacionam, indicando-se o tipo de participação dos argumentos no evento denotado pelo verbo. A ideia central é que, em qualquer oração, cada SN tem um caso, que representa seu papel semântico. Por exemplo, em *Eu abri a porta com a chave*, os casos de *eu*, *a porta* e *com a chave* são, respectivamente, Agente, Paciente e Instrumento. De lá para cá, diversos linguistas têm utilizado a proposta de Fillmore com pequenas modificações. No âmbito da Linguística Funcional Clássica, pode-se citar, entre outros, Chafe (1970) e Givón (2012 [1979]).

No que diz respeito a verbos, estes envolvem significados que fazem referência a um *frame* estabelecido com base no conhecimento cultural e de mundo dos falantes. Acionamos *frames* a fim de organizar as nossas ideias e produzir comunicação eficiente. Nesse quadro, os verbos se referem a uma estrutura conceptual, interpretada de modo amplo (FILLMORE, 1975, 1977; LAKOFF, 1977, 1987; LANGACKER, 1987). A semântica de *frames*, portanto, abriga ãum sistema de conceitos relacionados de tal forma que, para entender qualquer um deles, deve-se compreender toda a estrutura em que esses conceitos se enquadramõ (FILLMORE, 2006 [1982], p. 373).

Logo, não se trata de tomar apenas o léxico como base, já que os itens lexicais são pistas para que o ouvinte/leitor ative um conjunto de experiências sociais e culturais atreladas às palavras pelas quais as categorizamos. Nesse sentido, os *frames* podem ser compreendidos como estruturas esquematizadas de conhecimento (FILLMORE, 1985).

A LFCU acolhe a ideia de que os verbos são armazenados na mente do falante juntamente com enquadres (*frames*) que especificam seus argumentos obrigatórios e opcionais implicados na cena evocada pela oração. Os falantes dominam essa informação à medida que adquirem sua língua materna, dada a recorrência desses padrões no uso da língua. Nessa direção, a estrutura argumental especifica as relações gramaticais dos argumentos

⁵ Os termos *frame* ou *cena* designam uma idealização coerente e individualizada de uma percepção, memória, experiência, ação ou objeto (FILLMORE, 1977). Do ponto de vista cognitivo, uma cena é entendida como uma estrutura conceptual formada com base na experiência de mundo do usuário da língua.

(sujeito, objeto direto, etc.) de um verbo bem como os papéis semânticos que lhes são atribuídos (agente, paciente, etc.). De um ponto de vista cognitivo, a estrutura argumental revela uma estrutura de expectativas desencadeadas pelo verbo (DU BOIS, 2003).

De um modo geral, neste trabalho são examinados os papéis semânticos tais como descritos por Givón (2001). A determinação dos papéis semânticos desempenhados pelos argumentos dos VMT possibilita distinguir os diferentes subesquemas relacionados à construção [SN_{SUJ} V_{MOV} SN_{OD} SP], envolvendo as diferenças de significado quanto ao tipo de movimento e afetamento desses participantes.

A importância do papel semântico do SN_{SUJ} reside no fato de que ele possibilita distinções entre os subesquemas perfilados pela CMT, uma vez que o modo de atuação do referente do sujeito em eventos de movimento revela cenas que se relacionam à manipulação e/ou ao transporte de pessoas ou objetos; ao percurso de um caminho, sozinho ou acompanhado; e ao afastamento de ou à aproximação a um determinado ponto de referência. Prototipicamente, o sujeito do VMT desempenha o papel semântico de agente, definido por Givón (2001) como o participante, tipicamente animado, que age deliberadamente para iniciar o evento e, assim, é responsável por ele.

Nos termos da classificação semântica de Givón (2001), o paciente diz respeito ao participante, animado ou não, que registra uma mudança de estado ou de localização como resultado de um evento. Assim, o paciente se caracteriza por ser afetado pela ação do sujeito, que o desloca de um lugar a outro. Os papéis semânticos do SN_{OD} variam de acordo com cada subesquema sancionado pela CMT. No caso dos VMT, o objeto direto (OD) é um paciente prototípico para os verbos de ação-processo, podendo também designar o espaço por onde passa o referente do SN_{SUJ}, no papel de caminho, ou uma segunda entidade em movimento na ação expressa pelo verbo, correspondente ao papel de coagente. Em (6), o agente (*criancinhas*) causa a mudança de localização do paciente (*objetos e cadeiras*), jogando-o *umas nas outras*, ao passo que em (7), a ação do agente (*a gente*) não modifica *a ladeira*, que representa o caminho percorrido pelo agente.

- (6) Aric Sigman, da Royal Society of Medicine, em Londres, autor do livro *The spoilt generation* (A geração mimada), afirma que, hoje, até *criancinhas nas creches jogam objetos e cadeiras umas nas outras*. (Revista Época)

- (7) [...] naquela noite ...teve o aniversário ... teve a festa ... lá no hotel ... no hotel ... assim ... a gente foi descendo a ladeira ... que embaixo tinha uma lagoa ... uma lagoazinha pequenininha ... (Corpus D&G Natal, Fala, p. 388)

Seguindo Talmy (2000), o caso semântico caminho (*path*) faz parte de uma categoria que se refere à variedade de trajetos que remetem a um participante que não é afetado pela ação do agente, mas indica o espaço percorrido ou o local ocupado pelo agente (*figura*, nos termos de Talmy), entidade que se desloca em um evento de movimento, como se pode ver em (2) e (7).

Em eventos de movimento, outro caso semântico que o OD pode desempenhar é o de coagente⁶. Para Givón (2001, p. 107-8), trata-se de um participante ãassociado ao agente, paciente ou dativo do evento, cujo papel no evento é semelhante, mas não tão importanteö. Os dados seguintes ilustram esse papel:

- (8) [...] então os pinguins começam a voltar pra gruta e Batman vai seguir os pinguins e vai chegar até à gruta ... (Corpus D&G Natal, Fala, p. 307)
- (9) Minha mãe e irmã acompanharam-me até o embarque e o percurso foi tranquilo, apesar da chuva incessante (Corpus D&G Natal, Escrita, p. 163)

Os pinguins (8) e *me* (9) desempenham o papel de coagente. São participantes sintaticamente codificados como OD que não são afetados pela ação do agente, mas se deslocam junto com os SN_{SUJ} *Batman* e *minha mãe e irmã*, respectivamente. Conforme consta no FrameNet Berkeley⁷, ãesse elemento do *frame* é o segundo objeto em movimento, expresso como OD ou oblíquoö. A principal característica do coagente é o seu deslocamento independente, mas em concomitância com o do agente.

Para Givón (2001, p. 107), o papel de locativo limita-se ao SP e pode remeter a um estado (*She lives in Phildelphia/Ela mora em Filadélfia*) ou movimento (*He went to the store/Ele foi para a loja*). De modo mais específico, Fillmore (1971) divide esse caso em dois: origem (ou fonte) e alvo (ou meta). A principal característica dos SP relacionados aos VMT é o seu valor referencial acerca dos espaços em que ocorre o evento de movimento. Embora seja o único argumento implicado, mas não obrigatório, no *frame* desses verbos,

⁶ Na literatura semântica, o caso coagente também é denominado *associativo* ou *comitativo* e identifica um indivíduo em cuja companhia alguma coisa é feita (TRASK, 1993, p. 49).

⁷ O projeto *FrameNet* é um banco *on-line* de dados do inglês com base em estruturas semânticas apoiadas em evidências de *corpora*. Disponível em: <<https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/>>.

quando explicitado, situa os pontos de onde (origem) ou para onde (alvo) partem as entidades do evento. Trata-se de um importante complemento presente nas orações com VMT de ação e de ação-processo. A preposição *de* é a mais comum na introdução do SP com papel de origem, como se vê em (10), em que *do congelador* refere-se ao local de onde o paciente (*o sorvete*) é removido:

- (10) [...] que faz o sorvete no caso ... ficar um pouco mais cremoso... sabe? ele cresce e fica ... fica cremoso né ... ele não vai ficar ... não tem perigo de ficar duro ... agente passa na bateadeira durante dez minutos ... não é ... o suco que fez antes com a liga e mais essa sobremesa ... depois que tira do congelador ... e volta pro congelador e espera dar o ... o ponto certo... não é? (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 194*)

Por sua vez, o alvo corresponde ao ponto de chegada de um evento de movimento. As preposições *em*, *para* e *até* são introdutoras desse tipo de SP, como nos dados a seguir:

- (11) Passar margarina na forma e coloca os ingredientes na forma e coloca para assar no forno e estar pronto para todos comerem. (*Corpus D&G Natal, Escrita, p. 421*)
- (12) Francisco Argemiro aduziu que foi feito um convite a ele para levar um pessoal para Touros/RN para cometer o roubo, tendo ele aceitado, uma vez que passava por dificuldades financeiras. (JFRN)
- (13) [...] então quando ela pegou o carro do jeito que ele queria ... super veloz ... minha filha ... botou ... pé na tábua ... aí levou ele até o hotel ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 240*)

Em (11), *na forma* é o local para onde o referente do OD (*os ingredientes*) é movido por manipulação. Nos dois excertos seguintes, *para Touros/RN* (12) e *até o hotel* (13) dizem respeito ao destino final de um evento de transporte, para onde deslocam-se os participantes: os agentes SN_{SUI} *Francisco Argemiro* e \emptyset (= *ela*) e os pacientes SN_{OD} *um pessoal* e *ele*, respectivamente.

Esquemas imagéticos

Os esquemas imagéticos estabelecem um contraponto com a noção de *frame* inicialmente formulada por Fillmore (1975, 1977). Enquanto *frame* refere-se à estrutura argumental de um verbo, na perspectiva fillmoriana, os esquemas imagéticos representam

uma estrutura cognitiva de eventos. Em termos dessa estrutura, os esquemas imagéticos refletem experiências sensório-motoras ativadas pelas orações com os verbos de movimento sob exame aqui.

Esses esquemas são definidos, segundo Ferrari (2011, p. 86), ão como versões esquemáticas de imagens, concebidas como representações de experiências corporais, tanto sensoriais quanto perceptuais, em nossa interação com o mundo.

O conceito de esquema imagético, fundamentando em Lakoff (1987) e Johnson (1987), considera a (inter)relação entre percepção cognitiva e significado linguístico. Quando essa relação é armazenada na mente do usuário da língua, ele é capaz de conceber e significar linguisticamente noções de espaço e trajetória, entre outras. Dessa experiência é que resulta uma série de esquemas imagéticos que podem ser combinados entre si. Ao considerar o evento de movimento transitivo, os esquemas de espaço (que inclui noções como cima-baixo, frente-trás, esquerda-direita), escala (origem-caminho-meta) e contêiner (dentro-fora) são os mais propensos a serem acionados.

Os esquemas imagéticos evocados pelos construtos da CMT envolvem percepções relacionadas a um contêiner ou a uma relação escalar de trajeto que engloba origem-caminho-meta. Em eventos de movimento com verbos transitivos, o esquema imagético de contêiner está relacionado a tipos de recipientes capazes de acondicionar participantes desse evento. Para Talmy (2000), o contêiner corresponde ao espaço que suporta dois tipos de manipulação: extração e depósito. Os dados analisados corroboram essa asserção. Quando se trata de extração, temos o ponto de origem do movimento, como *de dentro do carro*, em (14). Quando é depósito, temos o destino do movimento, como *na tigela da Batedeira*, em (15).

(14) [...] ela ficou dentro do ... das ferragens do carro ... fratu/ fraturou a perna ... sabe? foi uma luta pra *tirar ela de dentro do carro* ... (Corpus D&G Natal, Fala, p. 222)

(15) *Colocar todos os ingredientes na tigela da Batedeira* e ligar no maximo com batedor para massas leves mais tem que bater todos os ingredientes até a massa ficar homogenea e despejar numa forma untada e povilhada. (Corpus D&G Natal, Escrita, p. 336)

O esquema imagético de contêiner se relaciona diretamente com o sentido lexical de *tirar*, o qual implica a participação de um recipiente (expresso pelo SP) de que se pode extrair uma entidade, como *ela*, em (14). O verbo *colocar*, por sua vez, perfila um ponto do esquema

que corresponde ao alvo do movimento, um recipiente (*na tigela da Batedeira*) em que se pode depositar um objeto, como *todos os ingredientes*, em (15).

Em eventos de movimento, a trajetória, tal como proposto por Croft e Cruse (2004), constitui-se em um esquema imagético composto de um ponto de partida (origem), de um percurso (caminho) e de um ponto de chegada (meta). Vejamos o seguinte dado:

(16) O advogado afirmou também que, na entrevista, Macarrão teria dito que quando *trouxe Eliza e o adolescente J. ó primo do ex-goleiro Bruno ó do Rio de Janeiro a Belo Horizonte (MG)*, eles teriam dado carona a um policial militar até a cidade de Juiz de Fora, no interior de Minas. (Revista IstoÉ)

Em (16), a origem e o alvo da trajetória percorrida pelos participantes *Macarrão, Eliza* e o *adolescente J.* são revelados pelos *SP do Rio de Janeiro e a Belo Horizonte (MG)*. Nesse caso, o caminho é o percurso entre essas capitais.

A correlação entre *frames* e esquema imagético é fundamental para o desenho da rede construcional do EMT. Se, de um lado, a nossa capacidade de identificar os papéis semânticos desempenhados pelos argumentos dos verbos de movimento provém da experiência adquirida no uso da língua em interação, de outro, os esquemas armazenados na memória nos permitem identificar distintos eventos de movimento. Depreende-se, portanto, que o contêiner está atrelado a eventos de manipulação, e a trajetória, a de deslocamento.

A construção de movimento transitivo

Nos *corpora* analisados, foram identificados 38 *types* de VMT, distribuídos em 756 *tokens*, sendo 297 (39%) nos textos falados e 459 (61%) em textos escritos, conforme a Tabela 1. Esses números indicam predominância do uso dos VMT na modalidade escrita, uma vez que os bancos de dados são semelhantes quanto ao número de palavras: 229.800 na fala e 222.500 na escrita. A maior quantidade de VMT na modalidade escrita se justifica porque, embora os dados de fala sejam eminentemente narrativos, o que pressuporia mais movimentos transitivos, há um grande número de orações nos textos escritos, a exemplo das sentenças do JFRN, que codificam EMT em suas narrativas.

Nesse material de análise, os cinco verbos mais frequentes são, por ordem decrescente, *colocar, levar, botar, jogar e tirar*, conforme a Tabela 1. Dos 38 *types*, apenas dez VMT

registraram maior uso na fala, com destaque para os verbos *botar* (46 dados) e *colocar* (45 dados), contra 7 e 39 ocorrências, respectivamente, na modalidade escrita. Os verbos com maior recorrência na fala apontam para contextos de menor formalidade, em que o uso de *botar* e *colocar* costuma ser favorecido.

Tabela 1: Tipos e ocorrências de verbos de movimento transitivos

	VERBOS	FALA	ESCRITA	TOTAL
1	COLOCAR	45	39	84 (11,11%)
2	LEVAR	35	38	73 (9,66%)
3	BOTAR	46	7	53 (7,01%)
4	JOGAR	27	21	48 (6,35%)
5	TIRAR	22	23	45 (5,95%)
6	DEIXAR	-	36	36 (4,76%)
7	ATRAVESSAR	8	23	31 (4,10%)
8	ACOMPANHAR	6	22	28 (3,70%)
9	CARREGAR	5	23	28 (3,70%)
10	TRAZER	8	20	28 (3,70%)
11	BUSCAR	6	14	20 (2,65%)
12	PUXAR	9	10	19 (2,51%)
13	EMPURRAR	11	7	18 (2,38%)
14	PERCORRER	-	18	18 (2,38%)
15	PULAR	7	9	16 (2,12%)
16	TRANSPORTAR	1	15	16 (2,12%)
17	RESGATAR	-	14	14 (1,85%)
18	SUBIR	6	8	14 (1,85%)
19	ULTRAPASSAR	-	13	13 (1,72%)
20	ALCANÇAR	-	12	12 (1,59%)
21	PÔR	5	7	12 (1,59%)
22	ARRANCAR	3	7	10 (1,32%)
23	CRUZAR	-	10	10 (1,32%)
24	DEIXAR	7	3	10 (1,32%)
25	LANÇAR	1	9	10 (1,32%)
26	RETIRAR	3	7	10 (1,32%)
27	SEGUIR	6	4	10 (1,32%)
28	ANDAR	7	2	9 (1,19%)
29	PASSAR	4	5	9 (1,19%)
30	DESCER	6	2	8 (1,06%)
31	PERSEGUIR	-	8	8 (1,06%)
32	CORRER	6	-	6 (0,79%)
33	DEPOSITAR	-	6	6 (0,79%)

34	DESPEJAR	-	6	6 (0,79%)
35	CONDUZIR	-	5	5 (0,66%)
36	METER	5	-	5 (0,66%)
37	ARRASTAR	-	4	4 (0,53%)
38	REMOVER	2	2	4 (0,53%)
	TOTAL	297	459	756 (100%)

A rede construcional proposta para a CMT parte de um esquema que associa a configuração sintática [SN_{SUJ} V_{MOV} SN_{OD} (SP)] ao significado de um evento de movimento em que pelo menos um participante se desloca para algum lugar. Esse esquema licencia três subesquemas (SE), relacionados ao tipo de movimento denotado e aos papéis semânticos e às funções sintáticas desempenhados pelos participantes das orações que os atualizam, a saber: os subesquemas de movimento associado (MAssoc), de movimento causado (MCaus) e de movimento percorrido (MPerc). Em cada um desses, foram analisados aspectos cognitivos relacionados às suas instanciações, além da sua configuração argumental. Cada um desses subesquemas licencia microconstruções, que, por sua vez, revelam diferentes *frames*, conforme o papel semântico dos participantes do verbo e a saliência de algum elemento do esquema imagético acionado. Essa rede é representada no Diagrama 1:

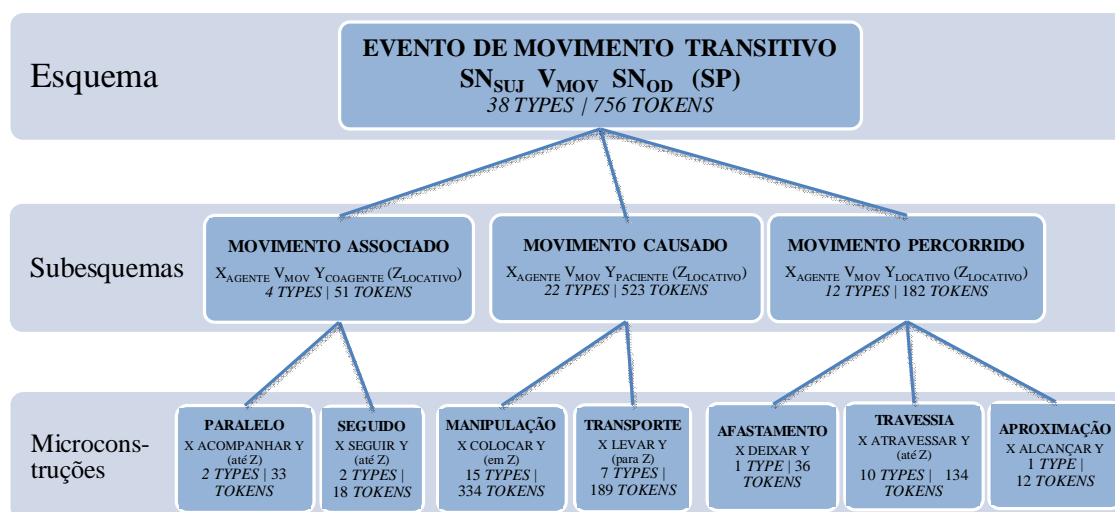


Diagrama 1: Rede hierárquica da construção de movimento transitivo

No nível dos SE, os elementos X Y e Z correspondem, respectivamente, ao SN_{SUJ} SN_{OD} e ao SP do esquema, associados ao papel semântico que desempenham no evento denotado. Em termos cognitivos, tais SE perfilam um tipo de movimento, aqui denominado associado, causado ou percorrido, cujo esquema imagético acionado é o de trajetória,

evidenciado pelos movimentos e espaços contidos nas cenas representadas. No nível das microconstruções, o modo como os referentes do SN_{SUI} e SN_{OD} se posicionam, deslocam-se ou são afetados no evento de movimento contribui para a identificação do *frame* evocado. Nesse sentido, cada *frame* se correlaciona aos esquemas imagéticos que subjazem aos eventos de movimento, uma vez que os casos semânticos são entendidos em termos de uma estrutura cognitiva, abstrata. Quando nos movemos ou movemos algo de um ponto A para um ponto B, acionamos o esquema imagético de trajetória, que é linguisticamente codificado.

Em termos quantitativos, a CMT é produtiva, recrutando 38 tipos de VMT, distribuídos em 756 ocorrências, conforme a Tabela 1. Além disso, licencia três SE, os quais, por sua vez, sancionam sete microconstruções, menos esquemáticas e restringidas pelo papel semântico desempenhado por seus argumentos. O SE de MCaus detém mais da metade (57,89%) dos *types* da CMT, sendo a microconstrução de manipulação a mais produtiva, com 15 *types*. A segunda com maior número de *types* é a microconstrução de travessia, com dez *types*, do SE de MPerc. O SE de MAssoc é o menos produtivo, pois cada uma de suas microconstruções, a de movimento paralelo e a de movimento seguido, sanciona apenas dois *types*. Os números exibidos no Diagrama 1 demonstram que os construtos da CMT com verbos de manipulação (334/39,48%) e de transporte (189/18,42%) do paciente, que fazem parte do SE de MCaus, e de travessia (134/26,32%) do agente, relacionados ao SE de MPerc, são os mais recorrentes. Com relação ao número de ocorrências, a frequência do SE de MCaus é ainda maior: 523 (69,18%). Esse SE sanciona as duas microconstruções mais frequentes: a de manipulação, com 334 (44,18%) e a de transporte, com 189 (25%) dos *tokens*. Desse modo, os construtos da CMT que descrevem o afetamento do referente do SN_{OD}, por manipulação ou transporte, são os mais frequentes nos *corpora* investigados. Na segunda posição, estão as instanciações do SE de MPerc, com 182 (24,07%) dados e, por último, o SE de MAssoc, com apenas 51 (6,75%) *tokens*. Vejamos, agora, cada um dos subesquemas e suas respectivas microconstruções.

Subesquema de movimento causado

Vimos que o SE de MCaus é o padrão mais produtivo licenciado pela CMT. Esse subesquema focaliza uma cena na qual um agente causa a mudança de localização de um

paciente. O verbo *colocar* é o mais frequente, tanto na modalidade falada (45 dados) quanto na escrita (39 dados), seguido pelos verbos *levar*, *botar*, *jogar* e *tirar*, com frequência superior a 40 *tokens*.

A estrutura argumental dos verbos desse SE segue o padrão [SN_{SUJ/AGT} V_{MOV} SN_{OD/PAC} (SP_{LOC})]. Dessa forma, todos os VMT sancionados pelo SE de MCaus pertencem à classe de verbos de ação-processo, considerando que o referente do OD muda sua localização como resultado da ação descrita pelo verbo.

Semanticamente, esse subesquema descreve o deslocamento de uma entidade (SN_{OD}) de um determinado ponto no espaço a outro pela ação do SN_{SUJ}, que pode ser manipulador ou transportador. Nesse sentido, o movimento descrito pode envolver duas cenas diferentes: apenas o agente se move, como em (17), ou ambos, agente e paciente, se movem, a exemplo de (18):

- (17) [...] ele não jogava, ele adora jogo e ele não jogava, por quê? Em respeito à família dele. Porque desde o momento que ele coloca o dinheiro na mesa (inint), mas meu pai sempre foi muito controlado (est). (*Corpus* PEUL)
- (18) Todos nós trouxemos uma mochila, dentro dessas mochilas havia mais comida do que utensílios pessoais. (*Corpus* D&G Natal, Escrita, p. 51)

Em (17), somente o referente do SN_{OD} (*o dinheiro*) muda de lugar, enquanto o referente do SN_{SUJ} (*ele*) apenas realiza um movimento com parte do seu corpo, manuseando o paciente para outro local, codificado pelo SP *na mesa*. Por sua vez, em (18), ambos os participantes da oração em destaque (*todos nós* e *uma mochila*) se movem, considerando que o participante *todos nós* desloca-se transportando o objeto *uma mochila*. Assim, o SE de MCaus vincula-se conceptualmente ao esquema imagético de trajetória, no qual se destaca um locativo: o ponto de origem e/ou o alvo do movimento. Conforme o Diagrama 1, o SE de MCaus desdobra-se em duas microconstruções, de manipulação e de transporte, descritas a seguir.

Microconstrução de manipulação

A microconstrução de manipulação herda todas as especificações do SE de MCaus: sua estrutura semântico-sintática relaciona-se a um agente SN_{SUJ}, a um paciente SN_{OD} e a um

locativo SP. Na rede hierárquica da CMT, trata-se do único tipo em que o SUJ é um agente estacionário e o afetamento do referente do SN_{OD} é resultado do movimento de determinada parte de seu corpo.

Esse padrão microconstrucional perfila *frames* que descrevem cenas de colocação e remoção, representadas pelos verbos *colocar* e *tirar*, respectivamente. Nos casos em que o agente move o paciente para um recipiente, manipulando-o, o alvo da trajetória é perspectivizado. Expressam esse modo de movimento verbos como *colocar* (84 tokens), *botar* (53), *pôr* (12), *depositar* (6), *despejar* (6) e *meter* (5), em que o agente movimenta o paciente de um ponto A a um ponto B. Veja-se o dado:

(19) Depois de colocar a massa na forma *coloque o chocolate derretido por cima da massa* e leve ao forno. (*Corpus D&G Natal, Escrita, p. 93*)

Prototipicamente, o referente do paciente é um objeto, como o SN_{OD} *a massa* e *o chocolate derretido*, manipulado pelo referente do SN_{SUJ} (\emptyset = *você*). O referente do SP identifica o local para onde o paciente é movido, como *na forma* e *por cima da massa*. Do ponto de vista cognitivo, o esquema imagético de trajetória subjaz a essa estrutura, com foco direcional para o alvo do movimento. Embora o ponto inicial do movimento não seja explicitado nessa ocorrência, ele é cognitivamente previsto no *frame* ativado pela oração, uma vez que o processo de colocação é antecedido pela remoção do OD de algum outro lugar.

Verbos como *jogar* (48 tokens), *empurrar* (18) e *lançar* (10), em seu sentido básico, implicam o arremesso ou a propulsão de algo ou alguém ó o referente do SN_{OD} ó para algum lugar, codificado como SP. Vejamos uma amostra:

(20) [...] aí eu não podia dizer que tinha sido eu que tinha trancado ele ... né ... que foi que eu fiz ... joguei a chave no lixo ... e saí feito uma louca ... na escola ... procurando o diretor ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 51*)

Em (20), o agente (\emptyset = *eu*) arremessa o paciente (*a chave*) para que este atinja o alvo codificado pelo SP *no lixo*. Diferentemente de (19), nesse caso o agente tem controle sobre o paciente apenas no ponto inicial, já que ele não o conduz até o ponto final. Não há, portanto, garantia de que o alvo foi alcançado.

Com os verbos que perfilam cenas de remoção, o agente SN_{SUJ} é estacionário e remove um paciente SN_{OD} de um locativo SP que indica a origem do movimento. Como se dá

com as cenas de colocação, a base cognitiva que subjaz a essa estrutura é um esquema imagético de trajetória, como em:

- (21) ãó ... você mata ... daí quando você for pra cadeia eu ... eu ... eu faço alguma coisa lá ... pra tirar você de lá (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 382*)

São licenciados por esse tipo microconstrucional verbos como *tirar* (45 tokens), *puxar* (19), *retirar* (10), *arrancar* (10) e *remover* (4). A oração destacada em (21) expressa a ação de um agente estacionário ($\emptyset = eu$) sobre um paciente (*você*) removido de um determinado local (*lá*).

Microconstrução de transporte

A segunda microconstrução do SE de M_{Caus} conceptualiza o deslocamento conjunto dos referentes do SN_{SUJ} e do SN_{OD}. Mais precisamente, esse tipo descreve o movimento causado a um dado paciente decorrente da ação de ser transportado pelo Agente. Prototipicamente, essa microconstrução aciona o esquema imagético de trajetória com foco no alvo ou na origem do movimento, dependendo do ponto da trajetória perspectivizado.

Nas orações licenciadas pela microconstrução de transporte que indica movimento de ida o SP codifica o papel semântico de alvo, lugar para onde o paciente é levado pelo agente. São verbos dessa natureza: *levar* (73 tokens), *carregar* (28), *transportar* (16), *deixar* (10) e *arrastar* (4), como no dado seguinte, em que o SP *no aeroporto* (22) indica o ponto de chegada do evento:

- (22) [...] mas no dia da viagem ... é ... eu me lembro de uma coisa muito interessante quando ... um amigo nosso foi deixar-nos no aeroporto ... eu ... mamãe e Isabela ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 9*)

Há uma forte predominância de pacientes humanos nesse tipo de microconstrução, como em (22), em que um agente translacional (*um amigo nosso*) compartilha o trajeto com um paciente (*nos*). O SP alvo é inerente ao esquema cognitivo que subjaz a esse *frame*. Quando omitido na oração, pode ser inferido com base no contexto, conforme se pode observar em (23), com um paciente cujo referente é não humano:

(23) [...] que foi até a empresa e conversou com Ziro para assinar a carteira, que emitiu as guias para que Maria José levasse para pagar, que não foi até o INSS, que não recebeu nada por isso. (JFRN)

Na oração em destaque, o objeto (\emptyset = *as guias*) é transportado para algum local que não é explicitado no fragmento. Dado nosso conhecimento de mundo, subtende-se o alvo como um determinado estabelecimento onde se pode fazer pagamentos.

Uma outra possibilidade de manifestação da microconstrução de transporte é a perspectivização do ponto de origem do transporte de um paciente, o qual, em termos de esquema imagético, constitui o foco da microconstrução. Verbos como *trazer* (28 tokens), *buscar* (20) e *resgatar* (14) fazem parte dessa classe, em que o SN_{SUJ} é, prototipicamente, um ser animado, como *Christian* (= \emptyset), em (24); o paciente/SN_{OD} pode designar humanos ou objetos, como *a* (= Ana); e o ponto de onde se resgata o referente do SN_{OD} é explicitado pelo SP, *de uma balada*:

(24) Apesar de já sair em tamanha vantagem, Christian, muito prudente, faz o que pode para impressionar Ana: leva-a em passeios noturnos de helicóptero (e com que júbilo ele a prende no assento com o cinto de segurança), dá a ela um carro esporte, resgata-a de uma balada na qual bebeu demais ó e, quando ela se dobra para vomitar, sua reação imediata é segurar-lhe o cabelo, marca de um legítimo cavalheiro. (Revista Veja)

Em resumo, a microconstrução de transporte perfila eventos de deslocamento, nos quais uma entidade transporta a outra. Trata-se de um padrão semântico-sintático que aciona, em termos cognitivos, o esquema imagético de trajetória, com foco em algum ponto do percurso.

Subesquema de movimento percorrido

O SE de MPerc recruta VMT complementados por locativo/SN_{OD}, descrevendo o percurso de um agente/SN_{SUJ}. É o segundo mais produtivo nos *corpora* examinados, com 12 *types* e 182 *tokens*. Os verbos *deixar* e *atravessar* são os mais frequentes, com 19,78% e 17,03% das ocorrências, respectivamente. Esse SE é significativamente mais frequente na modalidade escrita, com 138 *tokens* (76%), contra 44, (24%) na fala. Essa predominância na modalidade escrita está relacionada à necessidade do emprego, nos textos, de verbos que

revelam explicitamente os deslocamentos realizados pelos participantes do evento, a exemplo das peças jurídicas coletadas no Banco de Sentenças da JFRN.

A estrutura argumental desses verbos é [SN_{SUJ/AGT} V_{MOV} SN_{OD/LOC} (SP_{LOC})]. O locativo tem baixa frequência de uso, uma vez que o SN_{OD} já especifica uma localização. Os VMT licenciados por esse SE pertencem à classe de verbos de ação, considerando que o movimento efetuado pelo referente do SN_{SUJ} não provoca mudança de localização do SN_{OD}.

O SE de MPerc pode se desdobrar em três microconstruções: de afastamento, de travessia e de aproximação. Do ponto de vista cognitivo, os construtos desse SE, da mesma forma que os do SE de M_{Caus}, ativam o esquema imagético de trajetória, destacando, porém, pontos do percurso que podem se relacionar com um espaço, uma passagem, uma abertura/portal, entre outros, por onde se realiza o movimento, a exemplo de:

(25) Mais à frente conseguimos localizar um lugar fantástico. Fica a uns cem metros da pista. Deixamos o carro e subimos uma duna, com vegetação, até o seu topo. Qual não foi a nossa surpresa quando olhamos para baixo e encontramos um bosque de árvores muito altas, algumas sem folhas. (*Corpus D&G Natal, Escrita, p.169*)

Nessa oração, o SN_{OD} *uma duna* corresponde à área por onde o SN_{SUJ} (Ø = nós) desloca-se. As microconstruções desse SE não são, em geral, triargumentais, mas, quando suas instanciações contêm um SP, este acrescenta ao evento reportado mais uma informação espacial, como *até o seu topo*, que especifica o ponto de chegada do movimento.

Microconstrução de travessia

A microconstrução de travessia distingue-se semanticamente das demais microconstruções do SE de MPerc porque o referente do SN_{OD} equivale ao local por onde o referente do SN_{SUJ} realiza o caminho. Em termos cognitivos, as instanciações desse SE ativam o esquema imagético de trajetória e podem focalizar diferentes pontos do caminho presentes no evento de movimento, como os apresentados a seguir. Os verbos recrutados por esse SE são *andar, atravessar, passar, percorrer*, entre outros.

O locativo/SN_{OD} pode descrever uma extensa área por onde o agente se move, como em (26), em que *o interior do Maranhão* não se constitui em caminho propriamente dito:

(26) *Quem percorre o interior do Maranhão* se surpreende com a quantidade de esqueletos de grandes obras abandonadas e expostas ao tempo. (Revista IstoÉ)

O locativo/SN_{OD} pode corresponder a um lugar que tem como finalidade principal possibilitar o trânsito de pessoas, com menor abrangência espacial do que uma área, a exemplo de:

(27) Pra você saí de Niterói de carro, *você tem que atravessá a ponte evidentemente*, né? Agora, num sei. E lá [por]... por Magé? Parece que antigamente passava também, quando num tinha ponte; hoje tem a ponte, então *tem que atravessá a ponte Rio-Niterói* e saí na Avenida Brasil. (Corpus PEUL)

Os SN_{OD} *a ponte* e *a ponte Rio-Niterói* dos eventos destacados em (27) constituem-se em um lugar de passagem por onde o referente do SN_{SUJ} (*você*) realiza o trajeto. Os verbos que ocorrem com OD desse tipo são *atravessar*, *cruzar*, *descer* e *subir*.

O locativo/SN_{OD} pode ainda referir-se a pontos ou linhas que demarcam espaços, limites ou fronteiras em uma dada área, como especificado na oração a seguir:

(28) ãQuando *cruzei a linha de chegada*, eles gritavam ñSenna, Senna! Foi de arrepiar, vibrou o sobrinho do tricampeão de F1 Ayrton Senna (1960-1994) ao concluir sua primeira corrida em sua terra natal. (Revista Caras)

Em (28), o SN_{OD} *a linha de chegada* exemplifica esse tipo de locativo que indica o local transposto pelo referente do SN_{SUJ} ($\emptyset = eu$). As orações com os verbos *atravessar*, *cruzar* e *ultrapassar* destacam esse ponto do trajeto do esquema imagético acionado.

Microconstrução de afastamento

A microconstrução de afastamento tem um agente/SN_{SUJ} e um locativo que indica a origem do movimento. Vejamos o dado a seguir, em que *o presídio da Papuda* descreve o ponto de onde o referente do SN_{SUJ} (*Battisti*) partiu.

(29) *Battisti deixou o presídio da Papuda* logo após a meia-noite desta quarta-feira. (Revista Veja)

Dentre os verbos que podem corresponder a esse *frame*, o único que ocorreu no banco de dados é *deixar* (36 *tokens*), empregado com o sentido de afastar-se ou sair de algum lugar.

Microconstrução de aproximação

A microconstrução de aproximação expressa o deslocamento do SN_{SUI} em direção a um alvo codificado pelo SN_{OD} , conforme ocorre em (30):

- (30) Milkau acredita que alcançou a terra prometida ou melhor, Canaã, o paraíso oferecido por Deus ao patriarca Abraão, história presente no Antigo Testamento. (Revista IstoÉ)

Como as demais microconstruções do SE MPerc, esta aciona o esquema imagético de trajetória, dessa vez com foco no alvo. Dentre os verbos que podem perfilar esse *frame*, o banco de dados analisado registra apenas um VMT: *alcançar* (12 *tokens*), empregado com o sentido de *chegar até*.

Subesquema de movimento associado

O SE de MAssoc é assim denominado porque descreve o movimento de um agente juntamente com um coagente. Trata-se, portanto, de um SE que licencia orações que têm um participante associado ao movimento, codificado pelo SN_{OD} . É o SE menos produtivo, com apenas 4 *types* distribuídos em 51 *tokens*. O verbo *acompanhar* é o mais frequente, com mais da metade das ocorrências (54,90%), mais frequente na modalidade escrita, com 39 *tokens* (76%). Os outros VMT recrutados por esse SE são *seguir*, *perseguir* e *conduzir*. A predominância de *acompanhar* deve-se ao fato de ele ser um verbo tipicamente relacionado a cenas de movimento conjunto em diferentes contextos, ao passo que os outros três verbos descrevem eventos mais específicos, como ocorrências policiais e perseguições.

A estrutura argumental desses verbos é [$SN_{SUI/AGT}$ V_{MOV} $SN_{OD/COAGT}$ (SP_{LOC})]. O SP, quando expreso, codifica o alvo para onde os participantes SUJ e OD se movem. Desse modo, no domínio cognitivo, as orações que realizam esse SE acionam o esquema imagético de trajetória. Os VMT sancionados por esse subesquema pertencem à classe dos verbos de ação, visto que não há paciente afetado, pois os referentes do SN_{SUI} e do SN_{OD} realizam o trajeto de modo autônomo, sem interferência direta (emprego de força) de um sobre o outro.

O SE de MAssoc desdobra-se em duas microconstruções, movimento paralelo e movimento seguido, e o participante coagente do evento pode acompanhar ou seguir o agente.

Microconstrução de movimento paralelo

Os verbos recrutados por essa microconstrução têm como principal característica a participação de um SN_{SUJ} translacional e de um SN_{OD} com papel semântico de coagente, cujo referente se move de modo paralelo ou relativamente próximo ao referente do SN_{SUJ}. Tanto o referente do SUJ quanto o do OD são tipicamente humanos. Os VMT *acompanhar* e *conduzir* realizam essa microconstrução. Vejamos:

(31) Em seguida, o denunciado conduziu o vigilante ao banheiro, onde ordenou que lhe entregasse seu celular, sua mochila e o colete balístico. (JFRN)

Nesse dado, a entidade representada pelo SN_{OD} (*o vigilante*) é conduzida pelo agente/SN_{SUJ} (*o denunciado*). Essa microconstrução projeta eventos de deslocamento que perspectivizam, em termos de esquema imagético, o alvo para onde o agente e o coagente se movem, identificado no evento narrado em (31) por *ao banheiro*.

Microconstrução de movimento seguido

Essa microconstrução se diferencia semanticamente da anterior porque o agente e o coagente não se deslocam juntos, mas um segue o outro. Os VMT que a efetivam são *seguir* e *perseguir*, como se vê em (32):

(32) [...] o cara ... que tinha se acidentado apareceu de novo né ... chamando ele pra ir lá no cemitério o cara ... tinha um negócio pra mostrar né ... aí foi e seguiu né ... aí ele à noite né sozinho ... botou lá um agasalho ... tava muito frio ... aí foi aí seguiu o cara né ... seguiu o cara ... ele tava sempre assim um pouco de longe ... uma certa distância ... aí seguiu até lá em cima né ... e ele tinha que fazer uma viagem ... uma viagem ... é ... parece que era ... pra ... Nova Iorque ... e:: no momento não tinha motorista ... pra segui-lo ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 29*)

Nesse fragmento, o participante nomeado pelo SN_{OD} (*o cara*) é seguido pelo referente dos SN_{SUJ} (\emptyset , *o*). Em termos de esquema imagético, essa microconstrução perfila eventos de

deslocamento que perspectivizam algum ponto da trajetória, a exemplo *de até lá em cima*, alvo codificado pelo SP.

Conclusão

As reflexões e os resultados aqui expostos seguem os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso, da Linguística Cognitiva e da Gramática de Construções, as quais possibilitaram focalizar diferentes facetas do evento de movimento transitivo.

Com base em um esquema construcional superordenado, representado como [SN_{SUJ} V_{MOV} SN_{OD} (SP)], foi possível propor uma rede hierárquica organizada em três subesquemas e sete microconstruções. A proposta de organização de uma rede para a construção com VMT considerou as diversas combinações semântico-sintáticas de seus argumentos, tendo como princípio básico o conceito de construção, tomado como um pareamento de forma e função. Desse modo, cada um dos níveis da rede construcional perfila um determinado *frame*, o qual está associado aos esquemas imagéticos de contêiner ou de trajetória.

Os *slots* desse esquema podem acomodar diferentes papéis semânticos: agente, paciente, coagente, caminho e diferentes tipos de locativo. No entanto, mesmo que algumas posições dessa configuração esquemática não sejam preenchidas linguisticamente, o sentido do evento de movimento transitivo se mantém. Nessa linha, a semântica da construção em si assegura a identificação de determinados *frames*, enquanto os esquemas imagéticos, em termos de estrutura cognitiva, apontam o traço focalizado do trajeto.

A configuração argumental AGT/SN_{SUJ} + VMT + PAC/SN_{OD} + LOC/SP mostrou-se prototípica apenas para o subesquema de movimento causado. O mapeamento das instanciações do esquema superordenado revelou que o papel semântico de agente atribuído ao SN_{SUJ} e o de locativo desempenhado pelo SP estão presentes em todos os níveis da rede. Contudo, o afastamento do exemplar prototípico está centrado no caso semântico do SN_{OD}, uma vez que esse argumento interno pode desempenhar os papéis de locativo, no subesquema de movimento percorrido, e de coagente, no subesquema de movimento associado.

Em relação ao SN_{SUJ}, este pode ser um agente estacionário, que manipula o referente do objeto direto com parte de seu corpo, papel está relacionado apenas à microconstrução de manipulação. Nas outras seis microconstruções, o agente é translacional, ou seja, desloca-se de um ponto a outro, seja por acompanhar seja por transportar algo ou alguém, mostrando-se, assim, mais produtivo do que o primeiro.

Quanto à função semântica do SP, esta se relaciona à identificação de espaços que perpassam o evento de movimento transitivo, por isso é um locativo que identifica a origem, o caminho e/ou o destino do movimento. Tais pontos guardam forte relação com as preposições que os introduzem.

A tradição gramatical, em geral, trata os verbos de movimento como prototipicamente intransitivos. Com foco no emprego da preposição, os gramáticos (BECHARA, 2009; ROCHA LIMA, 2011; CUNHA; CINTRA, 2007; entre muitos outros) compartilham a ideia de que verbos que designam movimento têm complementos preposicionados, mais precisamente um complemento de lugar, codificado por [preposição + SN]. Contudo, a observação de dados de fala e de escrita em contextos reais de uso possibilita a identificação de um número significativo de verbos de movimento acompanhados de um objeto direto que, na maioria dos casos, codifica o participante afetado pela ação verbal, a pessoa ou coisa que se move. Ao priorizar a investigação sobre o tipo de movimento expresso por verbos dessa natureza, o papel semântico de seus argumentos e o esquema imagético que os subjaz, este trabalho apresentou uma proposta de classificação semântico-sintática para esses verbos, dispondo-os numa rede construcional organizada com base nas realizações linguísticas do esquema superordenado que os licencia.

Referências

BANCO DE SENTENÇAS. **Justiça Federal do Rio Grande do Norte**, 2016. Disponível em: <<https://www.jfrn.jus.br/bancodesentencas/bancodesentencas.xhtml>>. Acesso em: 02 agosto 2016.

BANCO DE DADOS DO PROGRAMA DE ESTUDOS SOBRE O USO DA LÍNGUA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Projeto PEUL**, 2016. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/peul/>>. Acesso em: 05 abril 2016.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. Usage-based theory and grammaticalization. In: NARROG, Heiko; HEINE, Bernd (Eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011. p. 69-78.

_____. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].

CHAFE, Wallace L. *Meaning and the structure of language*. Chicago: The University of Chicago Press, 1970.

CROFT, William. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, William; CRUSE, D. Alan. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, Celso F. da; CINTRA, Luis F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo* [recurso eletrônico]. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2007.

DU BOIS, John W. Argument structure. Grammar in use. In: DU BOIS, John W. *et al.* (Eds.). *Preferred argument structure: grammar as architecture for function*. Amsterdam: John Benjamins. 2003. p. 12-60.

FERRARI, Lilian V. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FILLMORE, Charles J. *Santa Cruz lectures on deixis*. Bloomington: Indiana University Linguistics Club, 1971.

_____. An alternative to checklist theories of meaning. In: COGEN, Cathy (Ed.). *Proceedings of the First Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*. Berkeley, California: Berkeley Linguistics Society, 1975. p. 123-131.

_____. Scenes-and-frames semantics. In: ZAMPOLLI, Antonio (Ed.). *Linguistic Structures Processing*. Amsterdam: North Holland, 1977. p. 55-81.

_____. Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di Semantica*, v. 6, n. 2, p. 222-255, 1985.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Org.). *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 1998.

_____. O estatuto argumental do objeto indireto e a construção ditransitiva no português do Brasil. In. FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Org.). *A gramática da oração: diferentes olhares*. Natal: EDUFERN, 2015. p. 135-165.

_____; SILVA, José Romerito; BISPO, Edvaldo B. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In. CEZARIO, Maria M.; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mario Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013. p. 13-40.

_____; SILVA, José R. Transitividade: do verbo à construção. *Revista Linguística*, n. 1, v. 14, p. 48-64, 2018.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. 1. New York: Academic Press, 1984.

_____. *Mind, code and context: essays in pragmatics*. London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1989, p. 205-235.

_____. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins. 1995.

_____. *Syntax: an introduction*. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

_____. *A compreensão da gramática*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha, Mário Eduardo Martelotta, Filipe Albani. São Paulo: Cortez 2012 [1979].

GOLDBERG, Adele. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HILPERT, Martin. *Construction Grammar and its application to English*. Edinburgh: University Press, 2014.

JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George. Linguistic gestalts. *Proceedings of the Annual Meeting of the Chicago Linguistic Society 13*. Chicago: University of Chicago Press, 1977. p. 236-287.

_____. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar: theoretical prerequisites*. v. 1. Stanford: Stanford University Press, 1987.

MORATO, Edwiges Maria. A noção de frame no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar? *Cadernos de Letras da UFF ó Dossiê: Letras e cognição*, n. 41, p. 93-113, 2010.

Revista AnaMaria, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://anamaria.uol.com.br/>>. Acesso em: 10 abril 2016.

Revista Caras, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://caras.uol.com.br/>>. Acesso em: 05 maio 2016.

Revista Cláudia, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/>>. Acesso em: 13 maio 2016.

Revista Época, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/>>. Acesso em: 21 abril 2016.

Revista IstoÉ, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<https://istoe.com.br/#>>. Acesso em: 03 junho 2016.

Revista Veja, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/>>. Acesso em: 10 junho 2016.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

SLOBIN, Dan Isaac. The origins of grammatical encoding of events. In: HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra A. (Eds.). *Syntax and Semantics*. v. 15 (Studies in transitivity). New York: Academic Press, 1982. p. 409-422.

TALMY, Leonard. *Toward a Cognitive Semantics*. v. 1. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2000.

TOMASELLO, Michael (Ed). *The new psychology of language*. v. 2. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1999.

TRASK, Robert L. *A Dictionary of grammatical terms in linguistics*. London/New York, Routledge, 1993.

TRAUGOTT, Elizabeth C.; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional change*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Transitive motion event: use and cognition

Abstract: This paper focuses on the semantic-syntactic coding of the transitive motion construction, with the goal of dealing with the relationship between the type of event expressed by the construction and the cognitive schemes it triggers. The theoretical basis that underlies this work combines Functional Linguistics Centered on Use, Cognitive Linguistics and Construction Grammar, investigating structural, semantic, functional and cognitive aspects present in the instantiations of this construction. Empirical data were collected from different sources: Corpus Discurso & Gramática, the

Federal Justice Sentences Bank of Rio Grande do Norte, the UFRJ Language studies program database and texts available online at wide circulation magazine sites. The results of the research reveal the existence of a constructional scheme that sanctions three subschemas and seven micro-constructions that, in turn, reveal notions of caused movement, traveled movement and associated movement. From the syntactic-semantic perspective, the linguistic coding of the transitive movement event projects frames that manifest different types of movement, such as manipulation, transport and displacement; in terms of cognitive structure, the imagetic schemas point to the focused feature of the path.

Keywords: Functional Linguistics Centered on Use. Cognitive Linguistics. Construction Grammar. Transitive Motion Event.

Recebido em: 25 de setembro de 2020.

Aceito em: 15 de dezembro de 2020.